

O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923)*The dawn of cinema on the coast of Santa Catarina: the case of the Josephense League (1910-1923)*

Gustavo Henrique Shigunov

gustavoshig@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo busca entender como o cinema se desenvolveu no litoral catarinense nas duas primeiras décadas do século XX, em especial, na cidade de São José. Para isso, analisaremos fontes de jornais, atas de reuniões e as atividades da associação católica denominada *Liga Josephense* que esteve presente entre os anos de 1910 a 1923. Outro ponto de destaque, é compreender como a *Liga* através de sua rede de contatos nas mais variadas esferas da sociedade, utilizou do cinema para obter lucro e grande prestígio social, entendendo que a mesma estava inserida em uma conjuntura maior que o ambiente local.

Palavras-chave: Cinema; São José-SC; *Liga Josephense*.

Abstract: This article seeks to understand how cinema was developed in the Santa Catarina coast in the first two decades of the twentieth century, especially in the city of São José. For this, we will analyze newspaper sources, meeting minutes and the activities of the Catholic association denominated *Liga Josephense* that was present between the years of 1910 to 1923. Another important point is to understand how the League through its network of contacts in varied layers of society, used cinema to obtain profit and great social prestige, understanding that it was inserted in a bigger conjuncture than the local environment.

Keywords: Cinema; São José-SC; *Liga Josephense*.

Introdução

O debate sobre o *nascimento* do cinema é tão antigo quanto a própria sétima arte, e que, como qualquer mito da origem, além de gerar debates e polêmicas, revelam a necessidade de um marco inaugural como ponto de partida para uma cronologia linear, calcada em uma concepção clássica de história¹. O *early cinema*² está dividido em dois momentos. O primeiro (1894-1908), não narrativo e caracterizado por produções artesanais sem preocupação com a estética ou os

1 Na historiografia brasileira especializada no debate cinematográfico, a discussão sobre a origem do cinema internacional e nacional, suas características e peculiaridades, está centrada nos “clássicos”: VIANY, Alex. **Introdução ao cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959; ARAUJO, Vicente de Paula. **A bela Época do cinema brasileiro**. S. Paulo: Perspectiva, 1976; GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia**. São Paulo: Annablume, 1995. Mais recentemente temos os artigos e livros de Arthur Autran que buscam alternativas à historiografia tradicional.

2 Para mais detalhes dos filmes e todo o universo tangente ao chamado primeiro cinema em contexto internacional, ver a obra: COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov elementos da narrativa³. O segundo momento (1908-1915) é composto por crescentes composições narrativas e pelo modo – ainda que incipiente –, industrial que as produções já estavam sendo produzidas.

Os autores que discutem a história do cinema reiteram que as “imagens em movimento” eram um espetáculo inserido em conjunto com outras formas de diversão, como as feiras de atrações nas ruas, circos e espetáculos populares. Reservados a uma marginalidade diante das formas tradicionais de entretenimento em primeiro momento, as exibições aconteciam no círculo das camadas baixas, em locais de diversão popular como bares, salas de concerto e salões. Esse período também é marcado por constantes transformações nas práticas e estratégias de exibições, comercialização dos filmes e pela falta de aparato institucional regulador, dando maior liberdade no processo criativo dos cineastas.

O início do cinema no Brasil se dá por volta dos anos de 1896 e 1898, onde as primeiras exibições e metros de película virgem começavam a embarcar em território nacional mais especificamente na capital, Rio de Janeiro. Os primeiros anos já revelavam os problemas que acompanhariam o desenvolvimento do cinema no país nas décadas seguintes: poucas salas fixas de projeção, falta de materiais e equipes especializadas além das inconstâncias na distribuição elétrica das cidades. Em Santa Catarina, as exibições começaram por volta do ano 1900 através de projeções ambulantes. Os exibidores eram viajantes que perambulavam em bares, salões, teatros ou em atrações circenses de diversas cidades, disseminando o mais novo entretenimento do século⁴.

As cidades litorâneas centrais como São José e especialmente Florianópolis que desfrutavam de maior grau de desenvolvimento econômico, tinham como base comercial o comércio de abastecimento interno e a administração pública. A centralidade administrativa da capital fornecia uma estrutura maior de aproximação entre as elites locais e o poder político estadual que advogava por um “processo modernizador” das cidades. Já Blumenau e Joinville apesar da distância com a capital, eram regiões centrais dos recursos econômicos pelo comércio marítimo e possuíam grandes populações em seus entornos⁵. Isso fez com que essas cidades já nas décadas de 1910 e 1920 instalassem seus primeiros cinemas fixos, como detalharemos ao longo

3 Um dos gêneros mais populares dessa primeira fase do cinema foram os filmes de viagem ou paisagem. Remontam a meados do século XIX e se assemelhavam muito com palestras ilustradas com imagens fixas ou em movimento. Esse gênero tornou-se amplamente conhecido e popular na Europa com as exibições dos irmãos Lumière que procuravam comercializar imagens de cunho técnico-científico.

4 MATOS, Marcos Fábio Belo. **De Paris a São Luís: o percurso do cinema**. Disponível em: <www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=2869&cat=Ensaio&vinda=S> acessado em fevereiro de 2019.

5 Para mais detalhes sobre as atividades econômicas, políticas e culturais no litoral catarinense na primeira metade do século XX, ver: ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov do trabalho, a chegada da sétima arte no Brasil representava um sinal das novas práticas, hábitos e de novos tempos.

As exposições geralmente estavam associadas junto às sociedades ou grupos influentes como é o caso da *Liga Josephense* em São José, que dispunha de prestígio na rede de socialização urbana. As cidades mais afastadas só instalaram salas de cinema décadas mais tarde, portanto, nos anos iniciais, dependiam de exibidores itinerantes, como José Julianelli e Alfredo Baumgarten, que realizavam o “cinema de cavação”, ou seja, faziam do cinema sua principal fonte de renda⁶.

Dividimos esse artigo em quatro tópicos: no primeiro, explanaremos a cerca do início da *Liga Josephense*, quem a criou, seus membros e atividades; logo em seguida, abordaremos brevemente o início do cinema em Santa Catarina com o intuito de evidenciar as circunstâncias germinais das exposições cinematográficas no espaço temporal proposto; na terceira parte, demonstraremos de que maneira e sob quais condições a *Liga* utilizou o cinema na cidade de São José; por último reservaremos a apresentar as considerações finais do trabalho.

A Liga Josephense

São José na transição do século XIX para o XX era uma cidade que se transformava diariamente. Lidando com múltiplas questões de ordem econômica e social nas mais variadas escalas, desde as constantes intrigas nas agremiações políticas até os mais íntimos detalhes na esfera particular dos indivíduos. A vida cultural tampouco se estagnou, ao contrário do que se convencionava, as redes de sociabilidade dessa nova sociedade “moderna” que lia jornais⁷, folhetins e ia ao cinema, não estava restrita a “ilhas culturais”, mas sim, gozava de uma pluralidade de apropriações” (CHARTIER, 2002, p. 76) de personagens marginalizados da história.

Inserido nesse bojo, em 19 de março de 1910 é fundada a *Liga Josephense*. Com sede na escola paroquial, localizada no centro administrativo de São José, a *Liga* era denominada como um “círculo católico” composta por homens católicos e sempre dirigida por um padre franciscano (cargo que não era passível de troca ou votação). A associação desde sua primeira ata entendia a

6 Em sua dissertação de mestrado “**Cinema e história: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do Cinema Catarinense**”, José Henrique Nunes Pires discorre sobre as idas e vindas de Julianelli e Baumgarten em território catarinense. Se faz necessário também uma menção ao empresário Walter Mogk, que no de 1941 instala, além da cidade de Blumenau, o Cine Mogk em Indaial, Pomerode e Timbó, sendo figura fundamental para a construção da história do cinema em Santa Catarina. Para mais informações, temos o trabalho de Lorena das Chagas Corrêa e Clóvis Reis **A história do cinema em Gaspar, Indaial, Pomerode e Timbó (SC)**, 2010.

7 Felipe Matos ao escrever sobre desenvolvimento da leitura na cidade de Florianópolis no início do século XX, argumenta que a capital não era uma ilha isolada e alheia aos acontecimentos culturais de seu tempo, pelo contrário, os livros, folhetins, os objetivos textuais circulavam, estabeleciam conexões, geravam grupos e sociedades em torno da cidade. Devido à proximidade e a ampla troca comercial, podemos levar em conta que São José também observou essas trocas e novas práticas, para mais detalhes, ver: MATOS, Felipe. **Uma ilha de leitura**: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950). Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov
necessidade de instruir – por princípios cristãos – e consolidar a união do povo josefense pelo tripé religioso, social e recreativo⁸.

A criação de associações católicas no início do século XX foi uma resposta da Igreja Católica às mudanças inerentes às novas conjunturas políticas, econômicas e culturais do novo século, esse processo ficou conhecido como romanização⁹. No caso catarinense, as primeiras reações se deram por meio do clero da capital do estado (a criação da Diocese de Florianópolis data do ano 1908), pela difusão da imprensa católica, círculos litúrgicos, congregações religiosas com o intuito de estimular a participação dos católicos especialmente os jovens em todos os níveis societários.

A cada ano era feita a eleição para uma nova diretoria da *Liga*, desde presidente até as funções de bibliotecário e fiscal, apesar da regularidade eleitoral, os nomes ao passar dos anos raramente mudavam. Isso se deve a natureza da associação, dita como uma “função paralela do governo municipal”¹⁰ seus membros eram padres, coronéis, advogados e empresários que dispunham de *status* tanto na esfera local quanto estadual. Característica que sempre foi motivo de preocupação e de constantes esclarecimentos, era preciso deixar claro os objetivos da *Liga*:

É preciso que a população de São José saiba que os interesses por nós almejados, são de cooperarmos para em momento oportuno intercedermos aos poderes constituídos pela estabilidade da séde do município, como principalmente pelos melhoramentos e a prosperidade das Freguezias de S. Pedro de Alcantara e Angelina (...) Como já ficou dito a Liga Josephense não é política¹¹.

Isso se fazia necessário para que o público soubesse que não se tratava de uma associação meramente política e com fins eleitorais, mas sim, de uma instituição que além de almejar o progresso da cidade e de suas vizinhanças, buscava trazer diversão e entretenimento para aqueles cidadãos que – obviamente – pudessem pagar. Na prática, a *Liga* tinha de fato seus objetivos políticos e econômicos, não à toa a mesma estar preocupada com “melhoramentos e a prosperidade

8 O levantamento das atas, registros e informações sobre a *Liga* estão disponíveis no arquivo pessoal de Osni Machado em São José, a quem agradeço encarecidamente por ter me recebido em sua casa e cedido diversos documentos que foram fundamentais para realização desse artigo.

9 Foi um processo internacional iniciado no final do século XIX pelo papa Pio IX (1846-1878) que advogava pelo controle da Igreja Católica das práticas sociais e culturais da sociedade moderna. Com a constante urbanização, industrialização e separação de estado e igreja, o episcopado romano a fim de regular e “restaurar” os discursos e práticas católicas de acordo com os preceitos do papa, institucionalizou e criou diversas congregações, grupos jovens, imprensa litúrgica e outros meios de sociabilidade. Esse processo possui diversas perspectivas historiográficas e há pouco consenso quanto a sua definição, para mais detalhes ver: MARIN, Jérri Roberto. **História e historiografia da romanização**: reflexões provisórias. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, p. 149-169, outubro de 2001.

10 Expressão usada pelos autores: GERLACH, Gilberto. MACHADO, Osni. **São José da Terra Firme**. São José: Clube de cinema Nossa Senhora do Desterro, 2007, p. 150.

11 São José. **O dia**, Florianópolis, 27 de jun. 1916, n. 8320, p. 04. Grafia da época mantida.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov das Freguezias de S. Pedro de Acantara e Angelina” revelando-nos como suas atividades ultrapassavam as fronteiras locais.

Outros exemplos que o poder político era presente na *Liga* são as diversas congratulações à grandes figuras políticas catarinense como Hercílio Luz e Felipe Schmidt¹², reuniões junto ao Partido Republicano Catarinense¹³ e principalmente, o fato de que alguns de seus membros eram ligados ao poder público josefense¹⁴. Essa aproximação das elites locais com a governabilidade estadual não era por acaso. Utilizando o conceito de governamentalização de Michel Foucault, Norberto Dallabrida demonstra que o estado republicano catarinense passava por um momento de afirmação e modernização¹⁵.

A tônica era produzir uma sociedade disciplinar, produtiva, educada, com a tutela do estado – organizado e controlado pelas oligarquias estaduais – e pela lógica burguesa de acumulação capitalista ordeira. As elites locais seguiriam a “europeização” dos comportamentos, frequentariam clubes recreativos, esportivos, sociedades culturais e principalmente, participariam das congregações cristãs e apoiariam o Partido Republicano Catarinense¹⁶. Esse “método” de governo se deu por todo o Brasil no período da primeira república (1889-1930) segundo os preceitos da chamada “política dos estados” ou “política dos governadores” na qual, o poder federal respondia os anseios dos estados e esses últimos negociavam com os municípios, em uma simbiose política.

As estruturas de uma rede de sociabilidade, no entanto, se mostram mais complexas do que um simples acordo. Mesmo na *Liga*, os membros possuíam diferentes funções e cargos, dispunham de distintos contatos. Essas relações complexas de amizade, respeito mútuo ou a contrário, hostilidade e rivalidade podem afetar – como afetou na *Liga* – e alterar o mecanismo de toda essa microsociedade¹⁷. Nas comemorações dos nove anos de existência da sociedade, o então promotor público de São José e membro da *Liga* Antonio Luiz de Souza Bella Cruz proferiu: “epítetos indecoroso” contra seu inimigo Sr. Carlos Knoll o chamando de “bandido” e “pior dos alemães”, lamentando ainda, que o escandaloso atentado praticado por desordeiros, contra o convento dos

12 Felicitações a Hercílio Luz: **Republica**, Florianópolis, 30 de mai. 1919, n. 195, p. 01. Felicitações ao governo de Felipe Schmidt: **O dia**, Florianópolis, 1 de out. 1916, n. 8415, p. 01; **O dia**, Florianópolis, 6 de mai. 1917, n. 8621, p. 01; **O dia**, Florianópolis, 30 de set. 1917, n. 8770, p. 01; **O dia**, Florianópolis, 5 de jan. 1918, n. 8864, p. 01; **O dia**, Florianópolis, 7 de mai. 1918, n. 9006, p. 01.

13 **Republica**, Florianópolis, 8 de jun. 1920, n. 499, p. 02.

14 Nomes como Pedro Bunn, Eugenio Fagundes de Moraes, Defendente Rampinelli e José Filomeno, citando apenas os últimos membros da diretoria da *Liga*, exerceram cargos de conselheiros, juízes de paz e até de prefeito de São José: **Republica**, Florianópolis, 30 de out. 1922, n. 1194, p. 02.

15 DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001, p. 60.

16 DALLABRIDA, Op. Cit. p. 61.

17 SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. IN: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. 2 ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 250.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov revmos. frades franciscanos, não tivesse estendido até a casa d' aquelle seu inimigo”¹⁸. O episódio causou mau estar geral dentro da comunidade josefense, sabe-se que em contexto de Primeira Guerra Mundial, as tensões e ataques com as pessoas de nacionalidade alemã aumentaram exponencialmente¹⁹, no entanto, não podemos afirmar se o discurso proferido tem alguma relação com esse fato especificamente.

Outrossim, a moralidade cristã sempre esteve inserida nas decisões da *Liga*, uma das propostas apresentadas ao “Sr. Dr. Juiz de Direito” era que a imagem de Cristo fosse colocada na sala do júri do município “Assim, os jurados, no ato do julgamento, votariam suas decisões de acordo com a Lei e com os olhos fitos na imagem do Redentor do mundo”²⁰.

Nos dois primeiros anos de existência, às atividades da *Liga* centravam-se fundamentalmente na organização de festas religiosas tradicionais como a de Nosso Senhor dos Passos, Divino Espírito Santo, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Filomena e Senhor do Bom fim. Isso conferiu grande prestígio à associação, dado que, as festividades religiosas eram bastante populares em São José, chegando a reunir 4.000 pessoas na principal praça da cidade frente a prefeitura e ao teatro de São José. A *Liga* também participava de festejos e eventos em Angelina, Palhoça, Santo Amaro, Barreiros, Biguaçu e Estreito, isso se deve ao fato, como dito anteriormente, de seus membros serem personagens influentes na esfera político-econômica josefense. Um outro atraente era a própria banda do círculo católico que frequentemente tocavam nos eventos de São José e em festas de sociedade.

Ao tratar da *Liga Josephense* e as promoções de suas atividades, podemos utilizar o conceito de reprodução do *capital social* de Pierre Bourdieu:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento ou de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (...) mas também são unidos por ligações permanentes e úteis²¹.

Essa rede de sociabilidade além de conceber as elites locais estratégias para reprodução de suas situações financeiras, gerariam um ganho cultural, um capital social que os diferenciava dos

18 São José. **O estado**, Florianópolis, 16 de mai de 1919, n. 1206, p. 02. Grafia da época mantida.

19 Para mais detalhes ver: PIRES, Livia Claro. Os inimigos da nação: a liga brasileira pelos aliados e os discursos sobre o “perigo alemão” durante a grande guerra (1915-1919). Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n. 1, jan./jun. 2015, p. 61-80

20 Consta na Ata de reuniões da *Liga Josephense* do dia 15 de abr. 1917. Consultada nos acervos pessoais de Osni Machado.

21 NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.) **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. 9ed, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 67.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov

demais segmentos societários. Essa manutenção e reprodução da distinção se daria pelo pertencimento a clubes sociais, cultura literária, cinematográfica²², prática de esportes e pela educação privilegiada. É necessário, portanto, nos atentarmos às minúcias do *jogo de escalas*, ou seja, perceber como os níveis de observação do historiador – ora nos níveis locais, noutros em superfícies maiores – se integram e dialogam a um verdadeiro quebra-cabeça, em que cada parte representa uma característica em relação ao todo²³. A seguir, trataremos sobre como o cinema está inserido nesse jogo. É oportuno preliminarmente, espacializarmos o terreno no qual a sétima arte estava inserida, uma vez que as exibições iniciaram-se antes da criação da *Liga*, portanto, já possuíam condições laborais e sujeitos específicos – mesmo que de maneira cambiante – para as atividades que envolviam o cinema.

O recém-chegado cinema

O início do século XX foi um momento no mínimo movimentado. Em contexto internacional, temos o avanço das ciências e das novas tecnologias de massa, a sociedade do novo século era voltada para o progresso. A jovem república brasileira conturbada com o conflito de interesses entre as classes economicamente e politicamente favorecidas e as camadas mais baixas que buscavam por direitos fundamentais como moradia, trabalho e reconhecimento pelo estado, inspira-se no contexto internacional para solução de suas moléstias internas. Proliferam-se políticas higienistas, educacionais e culturais nas camadas de poder e intelectuais dedicadas a fomentar um novo *habitus*²⁴.

Em solo catarinense o novo *status quo* requeria:

(...) as saídas individuais, o clientelismo e o compadrio, bem como a aceitação dos apelos ao consumo, à segurança e ao conforto. As práticas do arrivismo e da fachada definiram-se na mesma medida em que os sonhos de progresso e

22 Dallabrida coloca em sua obra já citada, as sessões artísticas culturais realizadas no colégio catarinense, o cinema com seu alto valor pedagógico proporcionava a fineza dos valores estéticos e a instrução por preceitos católicos aos jovens do colégio, que de maneira geral, eram filhos das elites e das oligarquias locais: DALLABRIDA, Op. Cit, p. 178.

23 A expressão *jogo de escalas* foi retirada por influência do livro de Jacques Revel **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. O livro esclarece diversos questionamentos frente as microanálises e seu dialogo com as demais perspectivas historiográficas.

24 Na definição de Pierre Bourdieu, o *Habitus* seriam princípios que geram práticas distintas e distintivas entre classes, é fundamentalmente um conjunto de consumos e escolhas que estabelecem princípios de classificação comportamentais e sociais, ver: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. Para mais informações sobre as mudanças de comportamentos no Brasil, ver: NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República na virada do século XIX para o XX. In: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília (org.) **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente: da proclamação da república à revolução de 1930**. Rio e Janeiro, Civilização Brasileira, 2008; CARVALHO, José Murilo. Os três povos da República. **Revista USP**, nº 59. São Paulo, setembro/outubro 2003.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov
civilização ganharam outras significações, produzidas nos sucessivos sobressaltos do despertar republicano²⁵.

O “espetáculo da realidade” que é o cinema, torna-se o instrumento perfeito na era da reprodutibilidade técnica requerida por essa nova sociedade. Segundo Walter Benjamin, as rápidas sucessões de imagens e posteriormente o advento do cinema sonoro, instituí uma fruição estética que se denomina distração. O cinema, diferentemente da pintura, ofusca o vestígio artístico da obra e insere o espectador em uma percepção coletiva e de massa²⁶.

Em 1903 temos as primeiras notícias “oficiais” sobre apresentações de imagens em movimento na cidade de São José. Nessa ocasião, a “Companhia de Variedades” faria a noite um espetáculo no teatro de São José²⁷. No entanto, o cinema começou em território catarinense desde o ano de 1900, quando os primeiros cinematógrafos ambulantes realizaram as projeções com suas máquinas mágicas em Florianópolis²⁸; também o fizeram nas freguesias vizinhas como Biguaçu, Palhoça e São José, afinal, as exhibições se multiplicavam de norte²⁹ a sul³⁰ de Santa Catarina e havia de se aproveitar o entusiasmo que a grande novidade trazia para lucrar.

O entusiasmo com o cinema, mesmo nos primeiros anos de exibição, já era evidente nas classes mais altas ou, pelo menos, para os editores do jornal literário e noticioso *A razão*:

E o cinematographo? Haverá invento mais interessante do que este? Não é tão bello às faculdades superiores do homem, a sua imaginação e inteligência, não é tão agradável por exemplo a nós habitantes de Tubarão, seiarmos pela Europa vendo jubileu da Rainha Victoria, combate de neve na Rússia, chegada dos expressos, visita de Felix Faure à Rússia e do Czar em Paris?³¹

Ao lidar com diferentes eventos e distintos momentos históricos, o historiador torna-se um caçador de pistas³², indícios, signos, já que sua matéria-prima – o passado – é inalcançável por conta de sua própria natureza e amplitude. Pergunta-se, por quem e como as exhibições

25 CHEREM, Rosângela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In Brancher, Ana; Arend, Silvia Maria Fávero (organizadoras). 2001. **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC. p. 297.

26 BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 169-180.

27 **Republica**. Florianópolis “Os municípios”, 8 de jul. 1903, n. 114, p. 02.

28 Seria exibido no Teatro Álvaro de Carvalho pelo cinematógrafo apollo, a “Fata Morgana”. Referindo-se às fotografias de paisagem vistas de todos os pontos do mundo: **Republica**, Florianópolis, 14 de set. 1900, n. 365, p. 02.

29 O mesmo cinematógrafo Apollo faria exhibições nos dias 29, 30, 31 de agosto e 1 de setembro na cidade de Itajaí no salão do senhor Jacob Heusi: **Progresso**. “Grande espetáculo”. Itajaí, 25 de ago. 1900, n. 34, p. 03. Sabe-se também que o mesmo fez outras exhibições em Blumenau.

30 Em Indaial em 28 de abril, 18 e 19 de agosto o senhor conhecido por Hake fazia exhibição de 28 curtas-metragens: PIRES, José Henrique Nunes. DEPIZZOLATTI, Norberto Verani. ARAÚJO, Sandra Mara de. **O cinema em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987, p. 17. Já em Laguna, o mesmo Hake fez exhibições no mês de julho: **O futuro**. “Cinematographo”. Laguna, 28 de jul. 1900, n. 340, p. 02.

31 **A razão**. “A electricidade e seus progressos”. Tubarão, 20 de set. 1902. n. 23, p. 05. Grafia da época mantida.

32 Expressão retirada do texto de Carlo Ginzburg que trata sobre o paradigma indiciário: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov
 cinematográficas chegaram em Santa Catarina? Quais eram os sujeitos sociais envolvidos nesse processo? Sabe-se que as primeiras atividades estão vinculadas à viajantes, exibidores itinerantes e empresários do entretenimento.

Um indício apontado por Carlos Roberto de Souza são as atividades das companhias de variedades. Dirigidas por empresários do ramo do entretenimento, os espetáculos juntavam mulheres barbadas, animais exóticos, acrobatas, e outras atrações com os primeiros aparelhos cinematógrafos³³. Em solo catarinense, uma das primeiras companhias de variedades foi a de Irrels Hick, trazendo sessões de hipnotismo, telepatia, dança, a “mulher camaleão”(!) o “menino prodígio” e também contava com exibições animadas e coloridas³⁴.

Passado o primeiro momento da entrada do cinema em território nacional, a partir do ano de 1908 a efetiva consolidação das “imagens em movimento” passa a ocorrer, ainda que de forma frágil e desorganizada; um panorama desse feito pode-se perceber na *chronica* do pitoresco “Dr. XiqueXique” na *Gazeta de Joinville*:

Positivamente esta terra é a terra dos divertimentos bailes, circos, companhias dramáticas, cinematographos tem nos apparecido n'estes últimos tempos sem cessar, depois que seguio a companhia dramática para S. Francisco cá já está o cinematographo que pretende dar-nos alguns momentos de distração; que Deus o ajude a empreza e a mim, e dinheiro haja, pois temos já com que nos devirtir (...) ³⁵.

O grifo reafirma aquilo já relatado por Benjamin, o cinema capitaliza os anseios urbanos por imagens, atrações, projeta-se nas telas novos costumes, práticas, arquiteturas, paisagens, trejeitos e além disso, as exibições traziam aos palcos novos eventos sociais. É a partir desse segundo momento (1908-1915) que debutam os primeiros cinemas fixos nacionais. Esses espaços consolidaram uma nova “economia do cinema”, ou seja, sujeitos sociais, locais, equipamentos, trabalhos e públicos que giravam em torno das apresentações cinematográficas e todos seus objetos adjacentes.

Podemos dividir as operações laborais referente ao cinema em três grandes eixos: produção, distribuição e exibição, existindo dentro dessa correlação entre as partes inúmeras variáveis implícitas. Na capital Rio de Janeiro, as primeiras salas fixas dedicadas somente as exibições cinematográficas foram abertas por parte de empresários do ramo do entretenimento. O mais conhecido deles foi sem dúvida, Paschoal Segreto. Apelidado de “ministro da diversão”, formou a empresa Sales & Segreto, acompanhado de seu sócio o dr. Cunha Sales – empresário do jogo do

33 SOUZA, Carlos Roberto de. Os pioneiros do cinema brasileiro. **Revista Alceu**, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 20-3.

34 **Republica**. “Theatro Alvaro de Carvalho”. Florianópolis, 31 de ago. 1902, n. 219, p. 02.

35 Dr. XiqueXique. “Chronica”. **Gazeta de Joinville**, 15 de ago. 1908, n. 174, p. 05. Grafia da época da mantida.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov bicho, jogos de azar e de “aparelhos de entretenimento científico”, – que lidava com a exibição e importação de filmes para o país³⁶.

Com apoio de seu irmão Afonso Segreto, o empresário importava as principais obras da França (das empresas Lumière, Gaumont, Pathé e Melies), Itália (Cines, Pasquali) e Estados Unidos (Selig, Biograph, Edison, Essanay, Lubin e Vitagraph)³⁷. A maior parte dos negócios feitos entre empresários brasileiros até 1920, cerca de 80%, eram com produtoras francesas e italianas. A preponderância se deve inicialmente à localidade geográfica, como os primeiros cinematógrafos, cineastas e empresários eram franceses, e a logística envolvida no transporte de materiais e equipamentos demorava, o mercado europeu foi dominante nas primeiras duas décadas do século XX³⁸.

Segreto era a “ponte” entre a obtenção das películas estrangeiras e outros empresários dispostos a exhibir os filmes nos estados brasileiros³⁹. Em Santa Catarina, os dois principais expoentes do ramo da distribuição e exibição foram Júlio Moura, representado por sua empresa “Júlio Moura Pathé” que atuava no teatro Álvaro de Carvalho e a empresa “Sylla” de Paschoal Simone que trabalhava principalmente na região da grande Florianópolis⁴⁰.

As sessões proliferaram. As empresas e empresários circulavam pelo estado à procura de público, dos melhores contratos e oportunidades. Era preciso diversificar estratégias devido a alta demanda, não eram raras alianças entre empresas para obter maiores lucros nas praças comerciais, bem como a procura de diferentes gêneros cinematográficos. Um exemplo disso eram os contratos entre distribuidores do Rio e de Santa Catarina, aqui, Júlio Moura associava-se com Paschoal Segreto⁴¹, acolá, a empresa Sylla fazia negócios com o francês Marc Ferrez distribuidor da Pathé Frères no Brasil⁴².

Em Florianópolis, as sessões de cinema, além do teatro Álvaro de Carvalho, também estavam inseridas dentro da lógica de “parques de entretenimento”, semelhantes as companhias de variedades. Um exemplo desses parques era o “Pavilhão Recreativo”, empreendimento do Italiano José Julianelli que contava com um cinematógrafo direto de Paris. O de mais sucesso foi, sem dúvida, o “Parque Catarinense”. Visionado pelo empresário Júlio Moura, o parque estreou em 13

36 SOUZA, op, cit, p. 21.

37 SELONK, A.P.A. **Distribuição Cinematográfica no Brasil e suas Repercussões Políticas e Sociais** – um estudo comparado da distribuição cinematográfica nacional e estrangeira. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, p. 28.

38 SELONK. Op, cit, p. 28-30.

39 É importante ressaltar que não era o único. Marc Ferrez, Francisco Serrador, José Labanca Jácomo Rosário Staffa e Cristóvão Guilherme Auler eram outros empresários que importavam filmes estrangeiros.

40 Ao longo dos anos outros distribuidores e exibidores apareceram em Santa Catarina como os senhores Haertei, Busob e Blumenau de Itajaí.

41 “Cinematographos”. **O dia**. Florianópolis, 9 de julho de 1908, n. 4004, p. 01.

42 “Cinematographo”. **O dia**. Florianópolis, 28 de janeiro de 1908, n. 2071, p. 03.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov de fevereiro de 1909. Aberto ao público todos os dias a partir das 5 da tarde, era iluminado a luz elétrica e contava com diversas atrações: carrossel, tiro ao alvo, patinação, jogos ginásticos, atrações circenses e claro, o cinema.

A medida que o cinema foi ganhando espaço e iluminando as escuras cidades do litoral, maior era o interesse de empresas e sociedades, que viam na atividade uma grande oportunidade de lucro e obtenção de status social. O cinema também trouxe novas possibilidades para a urbanidade e socialização: enquanto nos clubes e outras “sociedades recreativas” o acesso era restrito e discriminado por classes sociais ou raça, os parques, bares, salões aceitavam todos os públicos, ainda que “domesticado” e pago⁴³.

Apesar da popularidade, a atividade comercial cinematográfica era uma atividade custosa. Os altos custos com a importação das películas estrangeiras, quedas de energia, dificuldades na logística de transporte de equipamentos, fragilidade dos materiais, falta de equipe especializada, mas principalmente, estar vinculado a uma rede de contatos e sociabilidade que envolvia distribuidores estrangeiros, nacionais, produtores, transportadores, empresários e público eram as principais dificuldades e desafios para os propagadores da sétima arte em solo nacional. A diante, discorreremos acerca da atuação da *Liga Josephense* no mundo do cinema. De que forma a associação atuou? Quais eram suas condições para tal? Houve lucro? Tentaremos a medida do possível responder essas questões e outras problemáticas que envolveram o cinema em São José.

O cinema e o “fins recreativos”: atuação da *Liga*

São José nas primeiras décadas era habitada por mais de 10 mil habitantes que tinham como forma de entretenimento festas religiosas, quermesses, passeios, apresentações, circos, bares e rodas na principal praça da cidade, localizada no atual Centro Histórico de São José. Conhecendo a luz elétrica em 1913⁴⁴, as exibições de cinema aconteciam até essa data de forma esporádica e errática. Sabe-se que as principais companhias de variedades passaram pela cidade divulgando as “imagens em movimento” no entanto, ainda não havia uma localidade fixa e sólida para as apresentações cinematográficas.

Discorrendo sobre o contexto estadunidense, mas que muito se observa em terras brasileiras, Flávia Cesarino Costa coloca que, a popularização do cinema saltou os olhos das instituições de controle social como a igreja, que viam na “caixa mágica” um rico instrumento para

43 MUNARIM, Ulisses. **Arquitetura dos cinemas**: Um estudo da modernidade em Santa Catarina. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC/ PGAU CIDADE, 2009, p. 85.

44 As cidades que não tinham eletricidade eram iluminadas com grandes lampiões a base de querosene. A já citada obra de Gilberto Gerlach e Osni Machado é fundamental para entender a chegada da luz elétrica em São José e nas outras cidades aos arredores.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov disseminar o divertimento com valores morais e a domesticação do público⁴⁵. A *Liga Josephense* encontrou no cinema um mecanismo de alta popularidade e que entrava em consonância com os objetivos definidos no estatuto dos “fins recreativos”.

Tratando-se de uma associação católica e que fundamentava suas práticas nos princípios morais católicos, a *Liga* estava atrelada aos preceitos orientados pela igreja e em nível local, as paróquias. Afinal de contas, a igreja desde o começo do século já estava inserida tanto nos meios jornalísticos⁴⁶ quanto nas atividades ligadas ao cinema⁴⁷. Os “fins recreativos” se caracterizavam por oferecer aos sócios divertimentos “honestos e úteis” através do *Club Dramático* que exibiria dramas, comédias, atrações oferecidas pela banda musical em sessões solenes depois das missas aos domingos, sessões de leituras e palestras. O artigo 4 do estatuto era reservado ao cinema: “A liga terá um cinema para diversão dos sócios e do público em geral, o cinema exibirá filmes decentes e morais que serão dirigidos por um gerente, bilheteiro e porteiro, aliás nomeados pela diretoria”⁴⁸.

A primeira exibição cinematográfica promovida pela *Liga* data de 3 de novembro de 1912, com um público de 300 pessoas⁴⁹. Com o cinema, a associação conquistou e ampliou seu público vertiginosamente. Durante sua criação, a *Liga* disputava com outros clubes e agremiações o espaço e lucro em toda região de São José. Não se sabe qual cinematógrafo a *Liga* dispunha, contudo, possuindo agentes sociais influentes, é possível que nos anos iniciais a associação tenha comprado do senhor Virgílio Moura, empresário conhecido na grande Florianópolis e que constantemente viajada a negócios.

As receitas obtidas eram altas mesmo com as dificuldades inerentes à época. A logística era sem dúvida um grande problema, exibir um filme era uma tarefa custosa e envolvia uma série de pessoas por trás. Antes das luzes se apagarem e os espectadores comerem sua pipoca, era preciso pagar o Sr. Epiphany para fretar o carro e trazer os filmes de Florianópolis; pagar a gasolina que acionará o motor do aparelho empoeirado do cinema; acertar com o Sr. Dultávio Coelho para preparar todas as instalações da sala; negociar com o Sr. Virgílio Moura, dono das fitas dos mais variados filmes; e finalmente, depois de todo processo que envolve uma gama de

45 Essa concepção passou a fundamentar as produções cinematográficas entre 1908-1915 quando são criadas as primeiras agências reguladoras de conteúdo, a partir daí começa-se a perder lentamente a fase inicial do cinema, na qual o processo criativo estava nas mãos do cinematógrafo e não das empresas de distribuição, igreja ou governo, é a chamada “domesticação” do cinema.

46 Um dos estudos mais completos sobre a influência da igreja católica nos jornais de Florianópolis ver: RIBAS, A.C. **A “Boa Imprensa” e a “Sagrada Família”**: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. Dissertação (mestrado em história) – UFSC, Florianópolis, 2009.

47 LUDMANN, René. **Cinema, Fé e Moral**. Lisboa: Editora Aster, 1959.

48 Trecho retirado de uma das atas da *Liga Josephense* datada de 9 de novembro de 1917. Não houve mudanças significativas nos objetivos desde sua criação em 1910. Consultado no acervo pessoal de Osni Machado.

49 GERLACH; MACHADO, op, cit, p. 116.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov
contatos e negociações, torcer para não ocorrer nenhum problema de natureza técnica na máquina, nos filmes ou na sala⁵⁰.

Inicialmente as sessões eram feitas somente aos domingos em horários que não conflitavam com as missas ou quaisquer atividades promovida pela igreja. Com a inclusão do cinema fixo, as receitas haviam prosperado ao ponto de sobrar algum dinheiro que seria convertido em patrimônios e ajuda para a igreja e à banda de música da *Liga*⁵¹. Isso fez com que número de sessões aumentasse, acontecendo nos dias de semana e até mesmo em feriados, variando entre 6 até 13 sessões em um mês. No começo de 1913, somente alguns meses após sua estreia, o cinema havia se transformado na principal atividade da associação que passou a se preocupar mais com a qualidade das sessões, no jornal *Josefense O astro* temos a seguinte notícia:

Essa sociedade composta de pessoas que só vizam o bem estar da nossa população, fez aquisição de um bom aparelho cinematographico, que na capital funcionava no Theatro Alvaro de Carvalho, para o nosso Theatro. Este aparelho é por demais conhecido e o público poderá sem receio assistir a bons “films” que serão exibidos”. Foi levada hontem no cinema a bella e emocionante fita dividida em 5 partes - “Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo”⁵².

Nesse excerto é possível perceber não só a preocupação da *Liga* em melhorar a qualidade de suas sessões, mantendo e atraindo mais pessoas, como também na circulação de projetores, equipamentos, filmes e objetos de uma incipiente “indústria do cinema”. O filme *Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo* foi uma produção francesa datada de 1904, mas que era largamente assistido até o final da década de 1920 devido a sua utilidade evangelizadora. Os filmes de paixões de cristo e de cunho religioso eram altamente compartilhados pela igreja⁵³. Outro filme apresentado foi o *La cope degli Altri* (1912) dirigido por Ubaldo Maria del Colle, obra realista produzida e distribuída pela empresa *Pasquali Film* da Itália.

É possível observar que as atividades referentes ao cinema que a *Liga* oferecia eram consonantes aos padrões da época: negociações com empresários que importavam filmes estrangeiros, em sua maioria franceses e italianos; os gêneros fílmicos eram em sua maioria religiosos mas também haviam comédias e dramas; o pagamento às diversas pessoas para o funcionamento das atividades.

Além disso, a *Liga* recebia frequentemente por meio de seus eventos, personalidades e membros destacados de freguesias vizinhas; como atração, geralmente estavam agendadas sessões de cinema, como destaca o jornal católico de Desterro *Época*:

50 GERLACH; MACHADO, op, cit, p. 116.

51 GERLACH; MACHADO, op, cit, p. 116.

52 *O Astro*, São José, 23 de fev. 1913. Grafia da época mantida.

53 COSTA, Flávia Cesarino. Op. Cit, p. 139.



A 6 passado, onomastico do revmo, Frei Bruno, digno vigario da parochia, houve missa solemne na Matriz, com muitas comunhões e cantos apropriados ao acto; Frei Bruno foi muito cumprimentado, não só por seus numerosos amigos, como tambem por uma comissão da Liga Josephense. A noite houve espetaculo no Theatro, em homenagem ao Frei Bruno, representando-se o drama “Angustias de um Coração Materno” e a comedia “Progresso Feminino”. A concorrência foi enorme, os papeis bem desempenhados, para o que muito concorreram as dignas Irmãs da Divina Providencia⁵⁴.

Os filmes, principalmente a partir de 1912, começavam a se preocupar com a narrativa e o “contar história” para o espectador. Se nos anos iniciais as projeções mostravam cenas do cotidiano e paisagens nas quais quem estava assistindo se identificava, posteriormente a mensagem a ser passada era a principal função das sessões. Como dito, isso foi fortemente influenciado pelas agências reguladoras de conteúdo e instituições de controle social para “limpar” temas considerados “violentos” ou “imorais” demais. Os filmes “(...) estão inseridos num mercado de massas. É um cinema dominado agora por uma forte tendência à narração, que estrutura outra configuração da mensagem e outra experiência de recepção”⁵⁵. Portanto, não é surpresa os filmes exibidos pela *Liga* serem de cunho religioso.

Quem era o público? Ora, quem pudesse pagar, para as crianças eram cobrados 300 réis, os adultos pagavam 500⁵⁶. Havia de mesclar lucro com popularidade. De nada adiantava grandes sessões se os preços não eram acessíveis. Afinal de contas, no outro lado da rua, havia sido criado o *Clube 1 de junho*, fundado por membros da *Liga* que viram no cinema e outras atividades, uma oportunidade de ascensão social e financeira; virando a esquina, o público encontrava o *Casino Josephense*, o popular clube *Tiro 410*, e quiçá tinha a oportunidade de encontrar seu futuro amor no sugestivo *Bar do Beijo*⁵⁷.

É certo que o cinema ainda era – apesar de lucrativo – um ramo instável, dependente de redes de contatos, sendo desenvolvido a duras penas. Mesmo a *Liga* passou a ter dificuldades com as negociações. “No cinema da *Liga*, durante o mês de agosto de 1917 não houve sessão por ter a Empresa Moura, fornecedora dos filmes, resolvido cobrar 25\$000 réis por programa”⁵⁸. Nas prestações dê conta da associação, observa-se o pagamento a uma gama de pessoas: músicos, operador cinematográfico e comerciantes divulgadores das sessões.

54 *Época*, Florianópolis, 13 de out. 1917. Grafia da época mantida.

55 COSTA, 2005, p. 112

56 Por volta da mesma época, um volume avulso de um jornal de grande circulação como “O estado” custava 100 réis, a assinatura semestral era de 12\$000 e anual 24\$000: *O estado*, Florianópolis, 9 de fev de 1917, n. 528, p. 01.

57 GERLACH; MACHADO, op, cit, p. 125-145.

58 GERLACH; MACHADO, 2007, p. 147).



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov

Uma outra característica era o uso do espaço público para exposições privadas. A Prática já era recorrente em território Catarinense, um dos exemplos mais elucidativos é do já citado Júlio Moura, que adquiriu os direitos de uso do teatro Álvaro de Carvalho⁵⁹. A *Liga* pagava o imposto do selo para licença de exposição cinematográfica mas não conseguimos mapear registros de pagamentos para o espaço do teatro municipal de São José.

As atividades do cinema tiveram um período muito curto de lucratividade (1913-8) devido aos altos custos, problemas logísticos, técnicos, concorrência e principalmente com predominância do mercado por parte das empresas distribuidoras. Uma vez que as distribuidoras tinham controle sobre os produtos filmicos e também influência com os locais fixos de exposição, ações de empresários independentes e sem localidade fixa tornaram-se cada vez mais raras.

Na ata de 1 de novembro de 1918, encerrou-se os contratos para as exposições de filmes em uma sala fixa, era preciso que o Sr. Moura, da capital, para-se de “mandar mais fitas”⁶⁰. Em 1919, contratos foram acertados com o mesmo Sr. Moura, dono da empresa distribuidora Moura e Cia, estipulando que os lucros seriam divididos em 50% para cada parte. Os contratos de pagamento com as distribuidoras dependiam da amplitude da exposição, gênero cinematográfico, público-alvo, divulgação e podiam ser feitos por uma compra adiantada dos direitos do filme, conhecida como “compra *flat*” ou, a divisão do lucro das exposições.

A última citação ao cinema data de 1920⁶¹, mesmo ano ata final de reuniões mapeada até 22 de dezembro de 1920. É de 28 de fevereiro de 1923 do jornal *Republica* a derradeira notícia em relação à *Liga*, nessa ocasião, a mesma havia organizado um festival infantil com coral, missa e procissão durante o dia todo⁶².

Considerações Finais

A *Liga Josephense* foi sem dúvida a principal associação de São José em seus anos de existência (1910-1923). Seus membros faziam parte de uma camada privilegiada da sociedade, possuindo uma rica e extensa rede de contatos e negócios pelo litoral, quiçá por todo território catarinense. As atividades promovidas fizeram grande sucesso na cidade, havia banda, festas religiosas, eventos, teatros, festivais, todavia é a partir de 1913 que sua principal forma de lucro e expansão de público foi o cinema e suas sessões sempre lotadas.

59 Data de 1916 o primeiro ano em que o empresário tornou-se arrendatário do teatro. Dentro das cláusulas, havia de ser feito o pagamento mensal de aluguel e a reformas nas instalações do edifício. Até a data de 1928 sabe-se que o empresário ainda era o “inquilino oficial” do teatro: “Diversas”. **Republica**. 29 de fev. 1928, n. 424, p. 03.

60 GERLACH; MACHADO; op, cit, p. 157.

61 Na ata de reunião datada de 29 de fevereiro de 1920.

62 **Republica**, Florianópolis, 28 de fev. 1923, n. 1286, p. 02.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov

Atividade que exigia elasticidade e grande alocação de recursos, o cinema apesar de já possuir uma incipiente indústria, não conhecendo fronteira⁶³, apresentava uma série de dificuldades e transtornos para quem o promovia. A *Liga Josephense* aproveitou do crescimento da sétima arte para lucrar e se expandir. Seus membros reconhecendo a importância dessa atividade, chegaram a formar outras associações para obter maiores vantagens, um dos maiores exemplos é José Filomeno. Associado da *Liga*, foi fundador do *Clube 1 de junho* e mais tarde, mentor do *Cine York*, uma mistura de bar e cinema, no qual durou de 1925 até 1936⁶⁴.

Não se sabe os motivos oficiais que levaram ao desmantelamento da *Liga*, mas é possível dizer que já no ano de 1918, com o encerramento do cinema fixo, a associação perdeu muito de sua relevância e principalmente, lucro. Os custos aumentavam a cada ano, o cinema a partir de 1912-1915 com a criação de grandes agências reguladoras e com o desenvolver da Primeira Guerra Mundial que, tirou da Europa a primazia dos filmes, transferindo-se para a *Hollywood*, passou a ser controlado pelas grandes distribuidoras de objetos cinematográficos e filmes. Em Santa Catarina, empresas como a já citada Júlio Moura Pathé e Sylla Cinematographo Pathé eram responsáveis pela distribuição dos filmes e realizavam negócios diretamente com as sedes mais importantes, como Rio de Janeiro e São Paulo, portanto, acabavam controlando maior parte dos negócios envolvidos a cinema⁶⁵.

Por fim, volto novamente a concepção dos *jogos das escalas* para compreender o papel da *Liga Josephense* e suas atividades vinculadas ao cinema em Santa Catarina. Ao lidarmos com a abordagem local busca-se os elementos característicos (os “grandes homens”, associações, empresas) para construir uma história local que muitas vezes fica alheia às conjunturas mais amplas⁶⁶. No discorrer das atividades da *Liga* é perceptível sua ampla conexão com as freguesias vizinhas e camadas estaduais, sem uma rede de sociabilidade sólida, certamente a *Liga* não possuiria a relevância e importância que obteve. Se quisermos ir além, o cinema possibilita traçarmos a trajetória dos projetores e filmes fabricados nos mais simples porões da Europa e que renderam grandes sucessos nas mais longínquas e empoeiradas áreas de exibição. Brillante feito que somente uma “arte vencedora”⁶⁷ alcança tamanha proeza.

63 Em um excerto de 1908, noticia-se a compra de um Cinematographo europeu pelo Sr. A. Villa em Florianópolis. Esse mesmo cinematographo era conhecido nas cidades de Buenos Aires e Rio de Janeiro. O cinema mesmo em sua época inicial, já era global. Notícia encontrada em: **O dia**, Florianópolis, 7 de jan. 1908, n. 2058, p. 02.

64 GERLACH; MACHADO; Op, cit, p. 175.

65 PIRES, José Henrique Nunes. DEPIZZOLATTI, Norberto Verani. ARAÚJO, Sandra Mara de. **O cinema em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

66 Sobre o debate historiográfico para a história de Santa Catarina ver: WOLFF, Cristina S. **Historiografia Catarinense**: uma introdução ao debate. Florianópolis: Revista Catarinense de História, n 3, 1994, p. 5-15.

67 Em uma atual e interessantíssima crônica, a dita “Madame Puyssieux” decreta: O cinema venceu o Theatro, a arte já não é a mesma que dos tempos antigos, a estabilidade das coisas é um verdadeiro mito. Encontra-se em: **Republica**, Florianópolis, 2 de fev. 1919, n. 104, p. 01.



Referências

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989

ARAÚJO, Vicente de Paula. **A bela Época do cinema brasileiro**. S. Paulo: Perspectiva, 1976.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 169-180.

BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do cinema brasileiro**: metodologia e pedagogia. São Paulo: Annablume, 1995.

CARVALHO, José Murilo. Os três povos da República. **Revista USP**, nº 59. São Paulo, setembro/outubro 2003.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 76.

CHEREM, Rosângela Miranda. “Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina”. In Brancher, Ana; Arend, Silvia Maria Fávero (organizadoras). 2001. **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC. p. 297.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

CORRÊA, Lorena das Chagas; REIS, Clóvis. A história do cinema em Gaspar, Indaial, Pomerode e Timbó (SC). In. **Anais...** XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo/RS, 17 a 19 de maio de 2010.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: o ginásio catarinense na primeira república. Florianópolis: Cidade Futura, 2001

GERLACH, Gilberto; MACHADO, Osni. **São José da terra firme**. São José: Clube do Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LUDMANN, René. **Cinema, Fé e Moral**. Lisboa: Editora Aster, 1959.

MATOS, Felipe. **Uma ilha de leitura**: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950). Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov

MATOS, Marcos Fábio Belo. **De Paris a São Luís: o percurso do cinema.** Disponível em: <www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=2869&cat=Ensaios&vinda=S>. Acessado em: Fevereiro de 2019.

MUNARIM, Ulisses. **Arquitetura dos cinemas: Um estudo da modernidade em Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC/ PGAU CIDADE, 2009

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República na virada do século XIX para o XX. In: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília (org.) **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excluyente: da proclamação da república à revolução de 1930.** Rio e Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.) **Pierre Bourdieu: escritos de educação.** 9ed, Petrópolis: Vozes, 2007.

PIRES, José Henrique Nunes. **Cinema e História: José Jullianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense.** Dissertação (mestrado em história) – UFSC, Florianópolis, 1999.

PIRES, José Henrique Nunes; DEPIZZOLATTI, Norberto Verani; ARAÚJO, Sandra Mara de. **O cinema em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

RIBAS, A.C. A “**Boa Imprensa**” e a “**Sagrada Família**”: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. Dissertação (mestrado em história) – UFSC, Florianópolis, 2009.

SELONK, A.P.A. **Distribuição Cinematográfica no Brasil e suas Repercussões Políticas e Sociais** – um estudo comparado da distribuição cinematográfica nacional e estrangeira. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004, p. 28.

SOUZA, Carlos Roberto de. Os pioneiros do cinema brasileiro. **Revista Alceu**, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 20-37.

VIANY, Alex. **Introdução ao cinema brasileiro.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

WOLFF, Cristina S. **Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate.** Florianópolis: Revista Catarinense de História, n 3, 1994, p. 5-15.

Fontes

A RAZÃO. Tubarão, 20 de setembro de 1902.

ÉPOCHA. Florianópolis, 13 de out. 1917.

GAZETA CATHARINENSE. Florianópolis, 5 de junho, 1908.

O ASTRO. São José, 23 de fev. 1913.

O DIA. Florianópolis, 7 de janeiro de 1908 – 7 de maio de 1918.



O alvorecer do cinema no litoral catarinense: o caso da *Liga Josephense* (1910-1923) - Gustavo Henrique Shigunov

O ESTADO. Florianópolis, 7 de fevereiro de 1917 – 16 de maio de 1919.

O FUTURO. Laguna, 28 de julho de 1900.

REPUBLICA. Florianópolis, 14 de setembro de 1900 – 29 de fev. 1928.

PROGRESSO. Itajaí, 25 de agosto de 1900.

Recebido em 28 de fevereiro de 2019.

Aceito para publicação em 15 de agosto de 2019.

